

Radar
Debate

Caminhar para o federalismo, acabar com a austeridade como medida profilática e inverter o poder dos mercados de forma drástica. Estes são alguns dos *remédios* que Mário Soares e Viriato Soromenho-Marques receitam para pôr fim à *doença* que afeta a União Europeia (UE).

O antigo Presidente da República e o professor catedrático de Filosofia inauguraram, na passada quinta-feira, 26, os encontros-debate *Conversas à Quinta com a VISÃO*, no Museu da Electricidade, em Lisboa. Nesta primeira de quatro edições (*ver restantes datas na página 10*), moderada por José Carlos de Vasconcelos, a crise europeia foi o tema central, sem esquecer, naturalmente, as implicações que tem em Portugal.

Soromenho-Marques afirmou que esta crise «estava inscrita no código genético da construção da união económica e monetária». Assim, e como todas as «doenças genéticas», mais cedo ou mais tarde iria manifestar-se. A política monetária que levou à criação da moeda única foi, segundo o também especialista em questões europeias

e ambientais, «mal pensada, mal executada e desequilibrada». Mário Soares apontou a não formação de um «Governo político europeu» no período pós-euro com um dos fatores decisivos para a debilidade da União Europeia com um todo. Vejamos alguns dos pontos de vista defendidos pelos oradores.

«Estamos num período de longa agonia e angústia. O que acontece hoje é uma resposta errada a uma crise com diagnóstico também errado»

As «idiossincrasias» económicas de cada um dos países resgatados financeiramente pelo FMI e pela Comissão Europeia – Grécia, Irlanda e Portugal – não foram tidas em conta. Os três países são muitas vezes comparados entre si, mas Soromenho-Marques sublinhou ser esta uma visão «reduzida» dos acontecimentos. «Esquecem-se de que cada um teve uma motivação específica para pedir ajuda económica.» Além de que essa premissa tem levado a atitudes de fragmentação e hostilidade

SALA CHEIA NA FUNDAÇÃO EDP Soares e Soromenho-Marques, com moderação de José Carlos Vasconcelos, estrearam as nossas «Conversas às Quintas»

mútua, com os portugueses a dizerem que não são os gregos, os espanhóis a afirmarem que não são os irlandeses e por aí fora. Para o antigo Presidente da República, a situação portuguesa é «bastante grave» e o *modus operandi* do Governo, que insiste em «ir além do memorando firmado com a *troika*, conduz-nos a uma situação absurda». Mário Soares mostra-se otimista quanto ao futuro, mas avisa que «Portugal tem de mudar e não pode continuar com esta ideologia neoliberal do primeiro-ministro e do ministro das Finanças, que nos arrastará para um desastre imenso». Ambos afirmam que austeridade não é solução.

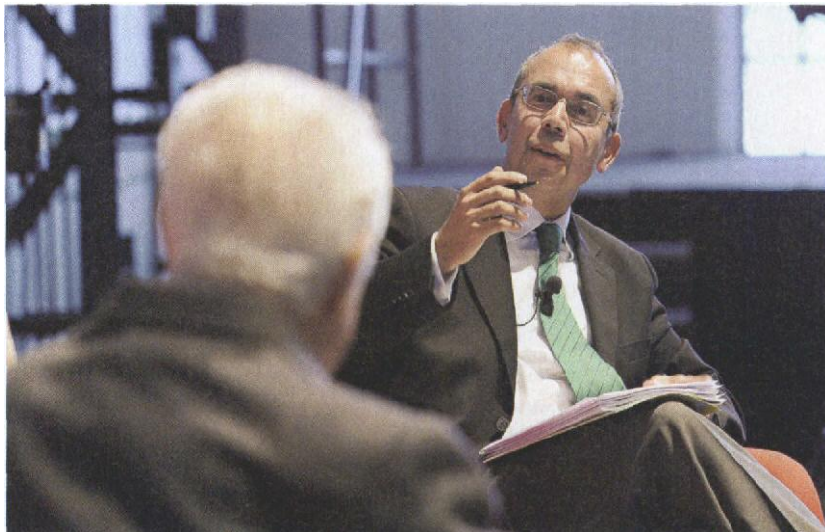
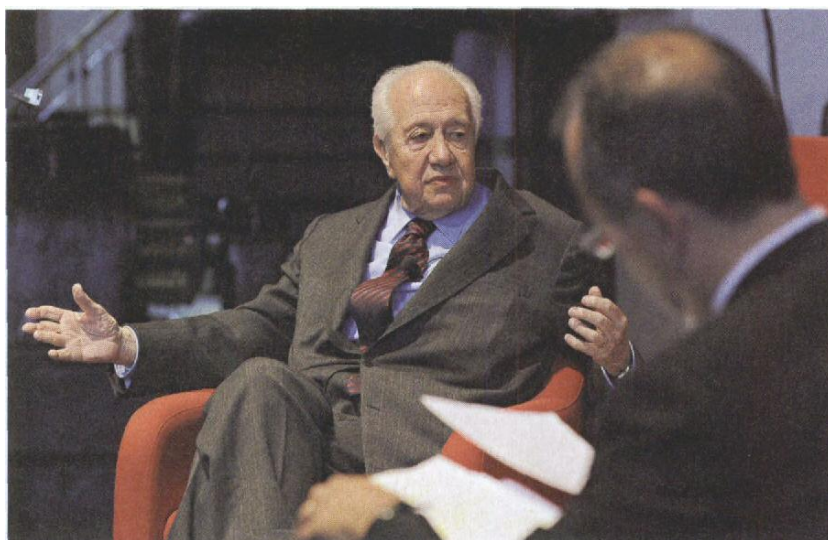
«O projeto europeu está perdido se formos governados por dois países»

Mário Soares critica duramente Angela Merkel e Nicholas Sarkozy, dizendo

Hoje, dominam os partidos populistas e conservadores que seguem políticas neoliberais e é isso que não pode continuar'

MÁRIO SOARES

que são «corresponsáveis» pela crise europeia. «Merkel até se ofereceu para fazer campanha por ele [nas presidenciais francesas], mas Sarkozy lembrou-se do chauvinismo francês e disse que não. Zangaram-se e isso... até não é mau,



à altura da situação para aconselharem Angela Merkel. «Desde que os judeus saíram da Alemanha que aquele país perdeu a sua capacidade de produção de pensamento intelectual.» No entanto, não concebe a existência da UE sem os germânicos, para que não «fiquem apenas naufragos agarrados a pequenas bóias». Têm de ficar, também, algumas «jangadas de pedra» onde se agarrarem.

«Só existem duas alternativas: federalismo ou... tribalismo, no caso da desagregação da Europa»

Ambos federalistas convictos, esperavam a criação de um Governo comum, após a entrada em vigor da moeda única. «Falta um sujeito europeu que represente os interesses de todos», resume Soromenho-Marques. Assim, na sua opinião, a necessidade de se avançar para os «Estados Unidos da Europa», tendo em vista um federalismo de sobrevivência que crie um «foco de poder central» suficientemente forte em termos orçamentais, e com uma política comum, é a única solução. E, se isso acontecer, assevera, não vai faltar dinheiro. «Há por aí 70 biliões de dólares a flutuar.» E se não acontecer? «O tribalismo será o futuro.» Mário Soares põe a tónica na marca política. «Hoje, dominam os partidos populistas e conservadores, que seguem políticas neoliberais, e é isso que não pode continuar.» Quanto aos mercados, é taxativo, eles não podem mandar, «tem de ser o contrário». ■

graceja. Soares acredita que o *volte face* está próximo, já que, profetiza, o socialista François Hollande «vai ganhar as eleições» gaulesas. Soromenho-Marques reforça que vivemos subordinados a um «Governo de iniciativa voluntarista», o binómio França-Alemanha, mas que estes não tem uma «agenda muito clara». O ex-primeiro-ministro e líder socialista é taxativo: a União Europeia «é um dos melhores projetos do mundo» e não pode ser «destruído».

«Este tratado orçamental é monstruoso e nunca vai entrar em vigor»

Portugal foi o primeiro dos 25 países da UE (Reino Unido e República Checa rejeitaram participar) a ratificar o Tratado Orçamental que impõe limites ao défice. Mário Soares, que assumiu publicamente,

«A política monetária que levou à criação da moeda única foi mal pensada, mal executada e desequilibrada»

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

e ainda antes da votação na Assembleia da República, ser contra este pacto, continua sem perceber por que razão o PS votou favoravelmente.

O facto de bastarem apenas 12 países para o homologar torna o texto, segundo Soromenho-Marques, num ataque de «uma violência total ao direito europeu». O professor crê que faltam economistas